

HISTÓRIA, BIOGRAFIA E POLÍTICA: CONSUELO NASSER (1937- 2002), PERSPECTIVAS SOBRE UMA TRAJETÓRIA.

Wallan Pereira da Silva ¹

RESUMO: A mulher já era objeto de estudo pensada desde a antiguidade, mas pensadas exclusivamente no campo filosófico. O problema estava em torno de distinguir sua diferença do sexo masculino. No século XX, a mulher não estará sendo pensada exclusivamente no campo filosófico, mas nas ciências humanas e sociais: Sociologia, Antropologia, Psicanálise e na História. Os estudos sobre mulheres só tiveram desenvolvimento graças à grande reviravolta da história na últimas décadas do século XX, que voltou-se para temáticas de grupos sociais até então excluídos de seu interesse. A História Cultural, ao preocupar-se com as identidades coletivas de uma ampla variedade de grupos sociais, favorece a pluralização dos objetos de investigação histórica, concedendo às mulheres a condição de objeto da história. O tema abordado será a participação da mulher no espaço público goiano através da figura da jornalista e advogada Consuelo Nasser. Atualmente a figura da mulher ganha destaque internacional devido suas conquistas de poder e autonomia tanto no âmbito familiar quanto no social-político. Delimitado o tema, definimos os objetivos, tomando como fundamental necessidade de revelar os condicionantes históricos que contribuíram para a atuação sócio-política de Consuelo Nasser. É nessa perspectiva que o trabalho se pauta, na procura de compreender os fatores históricos que definem a participação feminina no espaço político/público e jornalístico em Goiás.

PALAVRAS-CHAVE: Política, Mulheres, Movimentos sociais populares.

Introdução

A historiografia privilegiou, até bem pouco tempo, os feitos de apenas um dos agentes sociais, vale dizer, o homem. A mulher esteve, em quase todas as culturas, à sombra deste, considerado o verdadeiro agente de transformação, em todas as áreas e em todos os tempos. Admitimos que estas afirmações peremptórias possam causar desconfortos ou protestos por parte dos mais relativistas, mas fato inegável é que, as “funções sociais” atribuídas às mulheres, ao longo do tempo, foram tidas como de segundo plano. A velha hierarquia do público sobre o privado serviu para excluí-las da esfera pública, com discursos que variaram

¹ Graduando em História – Licenciatura (UEG- UnUCSEH).

segundo a época e local. Ao alegar a incapacidade da mulher em lidar com a política e/ou comércio, estes discursos, tinham como perspectiva a infantilização da mulher, apresentando-a como portadora de uma fragilidade congênita e, por isso, necessitava de proteção e cuidados do homem.

O discurso androcêntrico presente na sociedade moderna vem sofrendo, sobretudo nos últimos tempos, duros golpes. Por meio de lutas, cada vez mais intensas, as mulheres começaram a escrever sua “própria história”. Neste sentido grandes avanços sociais foram feitos, criando boas expectativas de mudanças nas mentalidades, tanto na feminina quanto na masculina, visto que a realidade só poderá ser diversa a partir de uma conscientização geral de igualdade² entre os gêneros. Concordamos com Vannuchi (2010) ao afirmar que

Igualdade implica em reconhecer e respeitar as diferenças existentes, sem toma-las como suporte de um destino pré-determinado de mulheres e de homens e, como fundamento de um desnível de posições, de diferenças sexualidades em termos de oportunidades econômicas, sociais e políticas (VANNUCHI, 2010, p.63).

Com a pluralização do objeto/documentos na história, fundamentalmente por meio dos Annales, as mulheres são tidas como objeto e sujeito na história. Esse foi o fator principal para que houvesse a criação de uma história das mulheres.

Segundo Rachel Soihet,

O desenvolvimento de novos campos como a história das mentalidades e a história cultural reforça o avanço na abordagem do feminino. [...]. A interdisciplinaridade uma prática enfatizada nos últimos tempos pelos profissionais da história, assume importância crescente nos estudos sobre mulheres.

A História Cultural, ao preocupar-se com as identidades coletivas de uma ampla variedade de grupos sociais, favorece a pluralização dos objetos de investigação histórica, concedendo às mulheres a condição de objeto da história.

Na década de 1970 a produção historiográfica versava sobre a passividade da mulher frente à sua opressão e sua reação às restrições da sociedade patriarcal. Na década de 1980 a produção sobre a mulher enfocava não mais “dicotomia entre a vitimização ou os sucessos femininos”, mas procurava focalizar a “complexidade de sua atuação” (Soihet, 1997: 267).

² O termo “igualdade” utilizado neste trabalho se refere à igualdade de direitos no respeito às diferenças entre os gêneros

Na atualidade a história das mulheres focaliza a relação de gênero. Gênero é o termo utilizado para “teorizar a questão da diferença sexual”, rejeitando o determinismo biológico. Pesquisadores que trabalham com essa perspectiva da historiografia procuram expor a relação entre mulheres e os homens. Faz parte dessa inovação historiográfica temas como: família, maternidade, sexualidade entre outros.

Dentre outros aspectos, já mencionados, quanto a questão de gênero será discutida a relação entre mulher e política, por meio da figura de Consuelo de Nasser e os embates sociais e políticos de sua época. Perceber com o adentrar no espaço público, político e masculino redimensiona o papel de seu gênero. Neste sentido, Colling aponta:

A relação entre mulher e política tem sido tema de tabu na sociedade brasileira. O lugar do homem é no comando do mundo político, à mulher resta o privado, onde muitas vezes os homens também comandam. Invadir o espaço político e masculino foi o que fizeram estas mulheres ao se engajarem nas organizações de esquerda, clandestinas para fazer oposição, juntamente com homens, ao regime militar. (COLLING, 1997)

Ao analisar a atuação de Consuelo Nasser no Estado de Goiás, percorre-se uma longa jornada, na tentativa de apresentar elementos que contribuíram para tal.

Referencial Teórico

Descrever a trajetória de Consuelo é o mesmo que mergulhar em uma vida repleta de adversidades, tanto em sua atuação política e social quanto em sua intimidade, mulher dotada de uma personalidade forte, com liderança aflorada. Tendo em vista os acontecimentos de sua vida é necessário entender e identificar em seu percurso elementos históricos que evidenciam a temporalidade e a influência deste nesse trajeto e suas contribuições à sociedade goiana devido sua atuação, partindo dessa ideia é importante compreender como as biografias contribuem e se favorecem simultaneamente com historiografia.

Os estudos de biografia sempre estiveram presentes na historiografia, com avanço dos Anais a mesma continua a ter editores e leitores por mais que esta agora seja histórica e de caráter erudito, mesmo sendo reconhecida esta, ainda não se torna um gênero legítimo, segundo François Dosse as biografias históricas foram muitas vezes, desprezada como simples “historieta” para “plumitivos”, no dizer dos historiadores profissionais (por sinal, não contem à minha mãe que sou biógrafo: ela pensa que sou historiador) (p19), ou seja, as

biografias são consideradas até então como um gênero híbrido, pois tal se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo regras da mimeses, e o polo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador. Essa tensão não é, decerto, exclusiva da biografia, pois a encontramos no historiador empenhado em fazer história, mas é guindada ao paroxismo no gênero biográfico, que depende ao mesmo tempo da dimensão histórica e da dimensão ficcional.

Segundo Dosse quando se trata de biografias:

O recurso de ficção no trabalho biográfico é, com efeito, inevitável na medida em que não se pode restituir a riqueza e a complexidade da vida real. Não apenas o biógrafo deve apelar para imaginação em face do caráter lacunar de seus documentos e dos lapsos temporais que procura preencher como a própria vida é um, entretido constante de memória e olvido. Procurar trazer tudo à luz é, pois, ao mesmo tempo a ambição que orienta o biógrafo em uma aporia que o condena ao fracasso. (2009, p55).

O escritor André Maurois na conferência em 1928 na Inglaterra interrogou sobre o gênero biográfico situando-o a meio caminho entre o desejo de verdade, que depende de um procedimento científico, e sua dimensão estética, que lhe empresta valor artístico. Ele próprio autor de inúmeras biografias, André Maurois insere suas realizações na esfera da obra de arte: “A realidade das personagens da biografia não as impede de ser sujeitos de arte”. O biógrafo é comparável ao retratista que faz escolha sem empobrecer o que há de essencial para a tela. Tal prática segundo Maurois, tem por efeito privilegiar o grande homem, que concebeu sua vida como uma obra de arte: uma relação especular pode se estabelecer mais espontaneamente entre o biógrafo e o biografado. A arte biográfica impõe um certo número de cânones. Segundo François Dosse;

Em primeiro lugar, a biografia deve seguir a ordem cronológica, que permite conservar a atenção do leitor na expectativa de um futuro que desvelará progressivamente o tecido da intriga: “O que dá caráter romanesco é justamente a expectativa do futuro”. Sem dúvida, há um artifício no fingir ignorar o que virá em seguida. (2009, p56)

Mas, como observa André Maurois, “a palavra arte está em artifício”. O leitor é então convidado, como no romance clássico, a partilhar os medos, as incertezas, os sofrimentos do presente de seu herói.

A segunda regra é nunca descentralizar demais o herói da biografia, nunca fazê-lo desaparecer no pano de fundo “Não há obra maior que tentar escrever o que chamaríamos a vida e a época de um homem”. Decerto, o biógrafo fará sua escolha na massa de documentos que tem à disposição; mas não se abarrotará com o inútil. Também aí deverá, como artista, dar mostras de discernimento e valorizar os fatos significativos que às vezes parecem elementos marginais: “Os menores detalhes são, frequentemente, os mais interessantes”. É mesmo a busca desses detalhes mais anedóticos, porém mais reveladores da personalidade do biografado, que constitui o fascínio e o sentido do gênero biográfico, (2009, p56).

Portanto, segundo Maurois, da arte romancista “o biógrafo, como o romancista, deve “expor” e não “impor””.

O gênero biográfico é uma mescla de erudição, criatividade literária e intuição psicológica. Implica um mínimo de empatia, mesmo que essa transposição afetiva se torne fonte de cegueira e rompantes. O envolvimento do biógrafo com seu sujeito de estudo chega a um ponto tal que não pode se efetivar sem ir transformando o biógrafo ao ritmo de sua composição biográfica.

O biógrafo, mais que em qualquer outro gênero, deve já no início justificar sua escolha e explicar ao leitor em que essa vida vale a digressão: “Na biografia, autor e narrador estão por vezes ligados numa relação de identidade. Essa relação pode ficar implícita ou indeterminada, quando não se explicita”.

O exercício que consiste em explicitar os motivos pessoais, a relação subjetiva com o tema da pesquisa, não é privilégio dos biógrafos empenhados numa causa política. É de uso corrente entre historiadores profissionais, ainda que a relação estabelecida seja mais exterior, menos passional.

Neste sentido, ao pensarmos na produção de biografias femininas elas crescem de maneira notável diante da consolidação da história das mulheres, um importante legado intelectual dos chamados “movimentos feministas”. No trabalho das biografias, essa história, ao inaugurar reflexões sobre as relações de poder masculino/feminino, propiciará sucessivos desvendamentos, tanto de processos sociais mais gerais de dominação, como daqueles mais específicos, mas, com frequência, incorporando paradigmas feministas que a moveram. Assim biografias traçadas no interior dessas referências configuram as mulheres como vítimas (dos homens) e/ou heroínas (por conquistas obtidas, apesar deles). As críticas aos parâmetros feministas darão novos rumos aos estudos de experiências masculinas e femininas, individuais

e coletivas. A história das mulheres havia reforçado o universalismo contido no enunciado de homem e de mulher. O determinismo do recorte biológico, a essência presente na cultura e na condição feminina, o totalitarismo do sistema patriarcalista, dentre outros.

A pouca adesão de historiadores e, em certos casos, mesmo a resistência às discussões do conceito de gênero, embora um conceito útil de análise histórica, revelam um pouco dos processos intelectuais que formatam a vida e a obra de homens e mulheres cujo dever de ofício os torna potencialmente produtores de biografias. Os impactos do distanciamento e o desinteresse sobre a produção historiográfica principalmente sobre a de biografias masculinas e femininas na história ainda estão sendo analisadas, mas não deixam de interferir nas relações da história com as contribuições teóricas das ciências sociais, aonde o tema já é discutido a um maior tempo e com estudos avançados, trazidas pelo conceito de gênero e suas variantes. Isso ocorre quando historiadoras (res) aproximam-se de muitas das inquietações intelectuais comuns, sobretudo quanto aos limites explicativos universais existentes, sem que seja necessário aderir ao feminismo ou ao conceito de gênero

As abordagens iniciais relacionadas à ação e luta de mulheres aparecem na biografia de mulheres notáveis que se destacaram no campo da política, da cultura e da religião. Nas críticas de feministas do século XIX, os olhares masculinos selecionavam seus personagens femininos pela beleza e riqueza. Para fugir destes modelos escritoras apresentavam mulheres que não precisavam destes atributos para se destacar. Um exemplo de produção biográfica contemporânea diferenciada pode ser encontrada em Margareth Rago na obra “Entre a História e a Liberdade: Luce Fabri e o Anarquismo Contemporâneo”. A autora tece importantes considerações sobre a relação entre a memória feminina e a biografia histórica.

Rago iniciou a biografia a partir da própria memorização de Luce em livros, artigos, folhetos e manuscritos. Com relação a memória, a autora trouxe para o presente fragmentos da experiência pública e privada de um mulher “muito especial”. Experiência está ameaçada da exclusão e do silêncio.

Referenciando Michelle Perrot, Rago entende que as mulheres têm um lugar de destaque como guardiãs da memória com sua enorme habilidade para guardar os objetos pessoais, conservar e transmitir as histórias vividas e pela sua capacidade de estabelecer redes de relações. Para Michelle Perrot,

(...) “os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com o seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória.”. A autora considera que o

feminismo teve destaque ao desenvolver interrogações sobre a vida das mulheres obscuras. Para torná-las visíveis foi preciso acumular dados, instituir lugares de memória e na falta de testemunhos escritos a recente história oral foi de certo modo uma revanche das mulheres. (1989, p.15)

Das questões apontadas pela autora está a dificuldade de mulheres se expressarem sobre suas ações nos acontecimentos públicos, suas resistências e, sobretudo de falarem de si, de dizerem EU devido a educação que inculcou nelas o esquecimento de si para doarem-se principalmente, ao esposo e aos filhos. A autora propõem, então, boas relações entre a pesquisadora e as mulheres para que elas se sintam sujeitos da história, que liberem o seu desejo de falarem de si, de serem levadas a sério. E por fim conclui que:

Essas experiências permitirão talvez um dia analisar mais precisamente o funcionamento da memória das mulheres. Existe, no fundo, uma especificidade? Não, sem dúvida, se trata de ancorá-las numa inencontrável natureza e no biológico. Sim, provavelmente, na medida em que as práticas socioculturais presentes na tripla operação que constitui a memória – acumulação primitiva, rememoração, ordenamento da narrativa – está imbricada nas relações masculinas/femininas reais e, como elas, é produto de uma história. (1989, p.18)

A proposta de Rago é contar o anarquismo no feminino, tendo como lugar de observação a memória de uma militante histórica, sua própria leitura e interpretação do passado.

Na construção da biografia de Luce, Rago observou o olhar antropológico da mulher política-militante atenta aos detalhes, aos pequenos acontecimentos, aos afetos e aos desejos. Grande parte das reflexões de Luce foram produzidas quando os acontecimentos eram vividos e pela sua formação racionalista traz uma narração sólida e estruturada analisando atentamente a manifestação microscópica dos poderes no movimento de militarização da vida pelo fascismo e acompanhou as criações coletivas autogestionárias na Espanha revolucionária. Ainda no trabalho biográfico sobre Luce, Rago pretendia dar a conhecer uma mulher e seu universo de reflexões tornando-as um pouco como uma lição de vida, ou como uma diferença na qual podemos nos inspirar

A renovação no gênero biográfico traz importantes contribuições: redescobriu o personagem para além da trajetória de vida definida pelo autor, abrindo brechas para que o próprio biografado interfira em determinadas etapas da vida quando se percebem não só como

atores históricos, colocados dentro de um contexto histórico específico, mas também como indivíduos que experimentam uma transição em uma medida contínua, entendendo a sua trajetória em termos de comportamento e de auto percepção.

Portanto, recuperar a memória feminina possibilita compreender como ela foi construída, podendo, assim, suscitar novas pesquisas e novos olhares para desconstruir a lógica da dominação masculina.

Metodologia

Ao analisar a atuação de Consuelo Nasser no Estado de Goiás, percorre-se uma longa jornada, na tentativa de apresentar elementos que contribuíram, fez se necessário à análise de diversificadas fontes, tais como jornais, entrevistas concedidas e escritas e depoimentos de pessoas próximas. As fontes escritas, como jornais foram disponibilizadas pela Diretora Financeira do CEVAM³ (Centro de Valorização da Mulher) Maria das Dores Dolly Soares, afinal faziam parte do arquivo da instituição, que inclusive recebe o nome de sua Fundadora a Sr.^a Consuelo Nasser.

Outro importante arquivo são as publicações do Jornal Cinco de Março⁴, tais documentos estão presentes no Acervo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás em formato microfilmado.

O presente trabalho não parte da ideia de escrever a biografia ou mesmo apresentar a história do Estado de Goiás, mas sim apresentar os elementos condicionantes para atuação de Consuelo Nasser, tais como suas influências, o contexto histórico vivido e sua inserção em movimentos sociais, Segundo Michel de Certeau

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada

³ O Centro de Valorização da Mulher Consuelo Nasser (CEVAM), é um Órgão de Utilidade Pública, sem fins lucrativos e reconhecido pela Assembleia Legislativa de Goiás, – lei n.º 9.322 de 21 de junho de 1983, situada em Goiânia/GO. Fundado em 20/04/1981, o CEVAM tem como objetivos promover estudos sobre a condição feminina em Goiás, mobilizar as mulheres em uma frente ampla contra a violência, as discriminações e os preconceitos e lutar pela eliminação de leis que inferiorizam a mulher. Busca assistir e garantir direitos às mulheres em situação de violência, oportunizando assistência social, psicológica e jurídica a elas e seus filhos.

⁴ O Jornal Cinco de Março, criado em 1959, após forte repressão da polícia a uma manifestação de estudantes secundaristas – que protestavam contra o aumento das passagens no transporte coletivo e das mensalidades escolares – ocorridas no dia em que se batizou o jornal.

em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões que lhes serão propostas, se organizam (2008, p.66-67).

Ou seja, a História de Goiás e o contexto nacional da ditadura militar aparecem como pano de fundo, uma vez que tais acontecimentos são os condicionantes de sua atuação como jornalista, advogada e militante.

Conclusão

Esta Pesquisa tentou evidenciar aspectos da atuação de Consuelo Nasser, procurando compreender como processos e acontecimentos históricos influenciam no cotidiano de seres sociais individuais e coletivo.

A ideia inicial era discutir a relação de gênero estabelecida pela sociedade, considerando uma “inferioridade” do gênero feminino se comparado ao masculino. A partir da observância dos documentos identificando o posicionamento de Consuelo Nasser frente a política, não foi possível esse enfoque, afinal era necessário compreender um pouco mais de sua atuação enquanto figura pública, compreender suas bandeiras e perceber a legitimidade dessas lutas

Por mais que o tema “gênero” não seja o eixo central da pesquisa, o mesmo está nítido como pano de fundo das questões levantadas, afinal era pautado nesse discurso que Consuelo Nasser evidenciava suas lutas, afinal não há como se referir a mulher e não falar da estrutura da sociedade no que tange a economia, cultura e a mentalidade. Assim como não se referir ao homem.

Principalmente quando temos a preocupação em não ser apoloéticos, mas sim de retratar e procurar entender a realidade o contexto que se apresenta o Brasil e de forma específica o Estado de Goiás no período da década de 1960 a 1980, ou seja, entendermos uma participação da mulher na vida pública.

Propomos uma continuidade da temática estudada, uma vez que surjam novas fontes abrindo assim outras perspectivas para análise do contexto estadual do período estudado e as participação de mulheres na história do mesmo.

Referências

COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher a ditadura militar no Brasil**, Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997

DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

MAUROIS, André. Aspects de la biographie. Grasset, 1930 In: DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

PERROT, Michelle. **“Práticas da Memória Feminina”**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 8, n. 18, ago/set.1989,.

RAGO, Margareth. **Entre a História e a Liberdade: Luce Fabri e o Anarquismo Contemporâneo**. São Paulo : Editora da UNESP, 2001.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. pp 275- 296

_____ História , mulheres e gênero: contribuição para um debate. In: AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997